

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

**HISTÓRIAS DE VELHOS(AS) PARAIBANOS(AS) E SUAS ASTÚCIAS
CONTRA A SOLIDÃO**

Valdirene Pereira de Sousa
UFCG/PPGH/CAPES
Vall_id2000@hotmail.com
Keila Queiroz e Silva(Orientadora)

PRIMEIRAS PALAVRAS

A partir do lugar de estudante do curso de História percebi que a velhice era e ainda é uma categoria etária silenciada dentro da historiografia, há um silenciamento discursivo teórico bastante perceptível, e, não apenas sobre a velhice, mas também sobre gerações. São raros ainda, os estudos sobre gerações, realizados a partir de uma perspectiva historiográfica; há lacunas e silêncios que precisam ser pensados e problematizados. Os silêncios que são produzidos teoricamente são também elementos que estão na tecitura das relações de forças, eles se configuram a partir das escolhas teóricas, dos lugares produzidos dentro da historiografia; os silenciamentos também são produtos de lugar, e não deixam de ter intencionalidades que se desdobram no fazer historiográfico.

Os olhares possibilitados pela História Cultural e mais recentemente pela História das Sensibilidades, a fluidez das fronteiras entre a História e outros campos do saber das ciências humanas trazem possibilidades de adentrar caminhos múltiplos tecidos pelas mediações culturais. Os novos olhares possibilitados pela História das Sensibilidades redimensionam os objetos historiográficos e ampliam o leque de problematizações e questionamentos que perpassam o estudo teórico referente ao emocional, à subjetividade, aos valores morais e aos sentimentos. Pensar nessa perspectiva oferecida pela história cultural e mais especificamente por uma história do tempo presente é o que me move

teoricamente na construção do meu trajeto de pesquisa. “A História do Tempo Presente (HTP) é um construto relativamente novo em seus métodos, é uma ‘criança que aprende seus primeiros balbucios’, mas que já dá sinal de que será madura em suas análises e intelectualmente sólida em suas argumentações.” (Pôrto Jr., 2007, p.10). A História do Tempo Presente vem se firmando enquanto possibilidade no cenário historiográfico desde a década de 1970 com a fundação do Institut d’Histoire du Temps Present na França e na década de 1980 no Brasil com a fundação do Instituto de História do Tempo Presente(IHTP). Essa nova proposta de pensar o fazer historiográfico adentra em um campo provocador, instigador de novos olhares, possibilidade que ganha contornos mais definidos devido à ruptura com uma historiografia tradicional que colocava o passado como o campo dos estudos históricos por excelência, por permitir, devido à distância temporal, a necessária isenção de emoções exigida para o lugar do historiador, uma historiografia impregnada com as idéias e a cultura da modernidade (Pôrto Jr., 2007) Trabalhar a história do presente permite-nos mergulhar nas nossas próprias subjetividades, bem como nas teias sociais que se configuram nas sociedades “líquidas” e, encontrar respostas para os nossos próprios anseios de forma relacional com o passado e o futuro.

Pensar a História a partir da análise dos problemas e não pensar o estudo de um período desvinculado da problemática, essa é a proposta que venho trazendo na minha pesquisa, quando me proponho a investigar os discursos e práticas que investem na construção de subjetividades senescentes e o olhar lançado pelos próprios idosos que são tomados como outro na relação institucional. Essa pesquisa foi realizada com idosos participantes do Centro de Convivência de Campina Grande- Programa de Terceira Idade-, e com os avós que são cuidadores e/ou provedores dos netos¹. É uma pesquisa qualitativa realizada em um período de seis meses com idosos cuidadores de netos em duas periferias paraibanas- Pedregal em Campina Grande e bairro São José em João Pessoa- e de idosos participantes do Centro de Convivência do município de Campina Grande.Os nomes dos entrevistados não aparecem ao longo do texto, foram substituídos por nomes de pedras preciosas.

¹ Problemática trabalhada pela professora Ms^a Keila Queiroz e Silva Ramos do Departamento de Educação da UFCG no seu projeto de doutorado.

Algo que me motivou enquanto pesquisadora e me moveu pessoalmente durante o processo da pesquisa foi a necessidade que os idosos entrevistados sentiam de ser escutados, de estarem com alguém, de não se sentirem sozinhos, de poderem afastar a solidão do dia a dia, e se refugiarem nas tramas tecidas durante as conversas. Falar na solidão no espaço temporal da contemporaneidade suscita em mim inúmeras questões que, muito embora não possam ser respondidas, precisam ser problematizadas e repensadas dentro de um contexto marcado pelo hiperconsumo, pelo hipernacisismo e pela hipermodernidade (Lipovetsky, 2004).

O lugar que os velhos têm ocupado nas sociedades está no *locus* das preocupações de alguns estudiosos como o historiador Georges Minois que escreveu *A História da velhice no Ocidente*, onde ele desenvolve uma análise histórica que mostra o modo como a velhice tem sido tratada e representada socialmente em diferentes civilizações ao longo dos tempos. Encontram-se presentes na discussão levantada pela sua obra os contornos flutuantes da velhice, dentre outras questões que nos remete ao debate sobre as mudanças do estatuto do velho e da velhice através das sociedades humanas. O autor perscruta as mudanças no estatuto da velhice através das sociedades humanas; não obstante tenha a preocupação de enfatizar que o lugar atribuído ao velho é dependente do contexto cultural geral, o autor mostra a velhice enquanto uma contingência que fora mais valorizada pela sabedoria e experiência expressas através dos papéis que foram atribuídos aos velhos nas sociedades primitivas, nas sociedades menos complexas e, destaca, por conseguinte, que a discussão sobre a velhice ganha contornos mais definidos na nossa sociedade, com a intervenção do Estado e o advento dos sistemas de reforma,

A velhice, que era um assunto essencialmente privado e familiar, tornava-se num importante fenômeno social e não podia deixar de suscitar a atenção da administração preocupada em oferecer um estatuto e regras a essa categoria ainda desconhecida. (MINOIS, 1987, p.14)

Os discursos que vão incidir na categoria velhice tomando-a enquanto objeto de estudo ganham o cenário social, a partir da emergência das novas formas de compreensão do envelhecimento, com as discussões trazidas pela institucionalização dos saberes da medicina, psicologia, sociologia, antropologia, os quais vão reformular a compreensão da velhice em um panorama de significação que vai tentar explicá-la enquanto problema social. É no contexto delineado no século XIX que a velhice vai ser

tomada como objeto de estudo, a partir de dois fatores especificamente, a formação de novos saberes médicos e a institucionalização das aposentadorias (SILVA, 2008); pois é no período marcado pela modernização das sociedades ocidentais que ocorre a fragmentação do curso da vida em etapas, com a nítida separação e especializações funcionais para cada idade.

As identidades etárias foram pensadas pelos discursos fundamentados e institucionalizados pela psicologia do desenvolvimento, pelo saber jurídico, médico, dentre outros, no contexto moderno, como tendo funções e papéis bem definidos e precisos dentro do *corpus* social e dentro dessa realidade constituída por esses dispositivos de poder. A velhice se consubstancia enquanto uma invenção que ganha espaço nas redes de saber/poder produzidas por esses discursos que enfatizam um ideal a ser seguido, uma invenção que traz intencionalidades políticas, simbólicas, são discursos que aparecem como lugares produtores de subjetividades, práticas, deslocamentos, sentidos que cada vez mais dão visibilidade à experiência de envelhecer como se ela fosse homogênea.

A VELHICE FESTIVA: EM CENA O CENTRO DE CONVIVÊNCIA

Sentir-se velho, este não é um sentimento que faz parte do universo sensitivo da maioria dos entrevistados no centro de convivência- no tocante a essa discussão a autora Anita Néri(1995) trabalha com os conceitos de velhice psicológica, biológica e social. Desde o início da pesquisa, os sentimentos de velhice que são evidenciados pelos participantes entrevistados vêm à tona com uma força ávida de expressão. uma ambiência marcada por sentimentos de vivacidade e autonomia. Ser velho, sem sentir-se velho, demonstrar ter o “espírito de jovem”, usando aqui as palavras do Sr. Citrino quando perguntado se se sentia velho, diz ele “eu me sinto igual a você, só quando me olho no espelho é que vejo que não sou mais jovem, mas, eu tenho espírito de jovem”, são colocações que refletem uma concepção de velhice sustentada e reafirmada pelos moldes de juventude, de jovialidade, são concepções trazidas a partir de um ideário construído pelos programas de terceira idade - sentimentos de velhice que expressam juventude.

Guita Debert em seu livro *A Reinvenção da Velhice* questiona a criação dos grupos de terceira idade, principalmente no tocante a ênfase destes na velhice ativa

enquanto ideal a ser seguido como solução para uma velhice bem sucedida. Ela mostra que “esses espaços são arenas privilegiadas para a negação da velhice”. (1999, p.15) Mas ao mesmo tempo mostra que há uma proliferação dos programas no Brasil, e sua contribuição. “Estes programas, encorajando a busca da auto-expressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento.” (DEBERT, 2004 P.15)

A invenção da terceira idade traduz novas configurações das experiências de velhice, se presentifica cada vez mais uma “comunidade de aposentados”. O termo foi originado na França com a criação das “Universités Du Troisième Age” na década de 70 e tem se popularizado no Brasil, na forma de uma política específica para a velhice. É destacável a maior participação do público feminino nessas formas de sociabilidades, os homens se mostram mais reservados e indiferentes.

O centro de convivência de Campina Grande é um programa que reúne idosos de vários grupos de terceira idade da cidade entre outros idosos, atualmente conta com trezentos idosos cadastrados e conta com uma equipe multidisciplinar que trabalha diariamente para execução das tarefas destinadas aos participantes, o centro fica a cargo da prefeitura municipal da cidade. Não há pré-requisito para os idosos participarem, “basta querer” diz a coordenadora do centro. Os idosos participantes têm idade variável entre 50 e 90 anos e participam das várias atividades, sendo a maioria mulheres.

O Sr. Rubi tem uma história entremeada de singularidades, homem de 72 anos, aparentemente recatado, está mergulhado em uma depressão faz 20 anos, desde que sua esposa começou a lhe rejeitar. Sua história de vida é bem densa, sua adolescência foi reprimida, diz ele, sua mãe era muito rigorosa na educação. Teve poucas experiências com mulheres, para ele a mulher tem um significado cósmico, é um ser divino, “eu dou muito valor à mulher, a mulher é um ser pra dar força ao homem...começaram a discriminar a mulher porque ela tinha mais poder que o homem” essa valoração, presente em seu discurso, demonstrada para as mulheres é uma forma dele falar de sua esposa, mas antes de ela ter filhos, segundo o Sr. Rubi. Foi somente quando a filha deles nasceu que ela mudou, diz ele, ela não mais o quis e aí começa seus dramas.

“A solidão me asfixia” diz o Sr. Rubi em uma de nossas conversas, sua dor é mais forte do que as palavras que profere, seus olhos ficam marejados quando ele começa a contar sua história de vida, sua adolescência, o momento que começa a trabalhar, seu noivado, o casamento, o nascimento dos filhos, muito embora ele fale com uma certa angústia quando descreve o tratamento que a família lhe dá. A esposa o trata como se ele nunca tivesse existido, despreza-o, “ela só quer ser adolescente, quer competir com a filha, quer usar as mesmas roupas, viver de shopping(...)as duas viraram amiguinhas(...)ela se arruma pra sair e quando está pronta pergunta se eu quero ir, eu digo que sim que vou só tomar um banho, e então ela diz que não vai esperar”. Seu discurso é enfático no tocante a um desconhecimento do fato de ela agir dessa forma com ele, sempre repete essa frase durante as conversas “eu fiz tudo para ser santo consegui apenas ser correto”.

A relação com os filhos também não é das melhores, é um pouco distante, várias vezes ele se emociona contando sua história de vida, diz ele que os filhos nunca se interessaram pela história dele, que gravara um cd, pois participara de um coral em São Paulo, mas os filhos nunca se interessaram, e assim sente as dores da solidão, a sensação de se sentir sozinho dentro de casa, mesmo tendo alguém presente. Mas seu refúgio tem nome: seus netos, esses representam para ele o retorno à vida, diz ele que os ama muito, principalmente o mais velho, é o menino que traz uma resignificação para sua vida, a dota de significado, todavia, ele tem consciência que não pode se apegar dessa forma ao neto, pois ele está crescendo e a infância é muito curta, a adolescência chega e ele acha que vai ser rejeitado. As crenças do Sr. Rubi sobre infância são relacionadas à idéia de acolhimento e a adolescência relacionada à hostilidade. O Sr. Rubi freqüentemente vai ao Centro de Convivência. Ele começou a freqüentar o espaço do Centro por indicação de um psicólogo, ele gosta de participar, pois encontra várias pessoas com quem conversar e demonstra, freqüentemente, a ânsia de contar suas histórias, chega sempre dizendo que sua história não acabou, tem muito mais a ser dito.

A velhice enquanto processo biológico e psicológico é vivenciado de maneira bem distinta pelos participantes, enquanto para D. Turquesa ter 80 anos é sinônimo de juventude, para o Sr. Heliodoro uma mulher de 60 é vista como sendo muito velha, são imagens particularizadas da velhice e que refletem os espelhos interiores de cada um, bem como a influência externa veiculada pelos discursos sócio-culturais. As imagens de

velhice que perpassam o Centro de Convivência congregam, ainda, o olhar do “outro”, o “outro” institucional, os organizadores e colaboradores, que têm se apresentado enquanto incentivadores de uma velhice bem sucedida, mas eis a questão, é possível falar de uma velhice bem sucedida? Há modelos que devam ser seguidos para se alcançar uma velhice bem sucedida? A ênfase na terceira enquanto melhor idade precisa ser repensada pelos programas de terceira idade em geral, pois acabam negando a própria velhice, gutificando-a. muito embora essa seja uma tendência constante nos grupos de terceira idade, há exceções, o Centro de Convivência trabalha numa perspectiva de dar voz e visibilidade ao idoso, incentivando o dialogo com as outras gerações, é um espaço aberto às várias subjetividades etárias.

A VELHICE GUARDIÃ: PRÁTICAS COTIDIANAS COMPARTILHADAS ENTRE AVÓS E NETOS

Os protagonistas dessa pesquisa realizada nos bairros do Pedregal e São José são os avós que se tornaram cuidadores e/ou provedores dos netos, na maioria dos casos por obrigação, mas uma obrigação que os leva a “repensar” suas vivências e práticas cotidianas, dotando-as de significados. É no compartilhamento de experiências com os netos e, em alguns casos com bisnetos, que esses idosos reinventam e recriam suas subjetividades e seus sentimentos.

O cenário espacial da pesquisa é configurado por dois bairros marcados pelo estigma da marginalidade, pela violência que marca as cenas cotidianas de seus moradores, pela falta de infra-estrutura básica, pela “falta de...”, um cenário que gera sentimentos ambivalentes nos moradores, amedronta e ao mesmo tempo faz surgir anseios de proteção, de pertencimento, de enraizamento. O medo é expressado com mais ênfase pelos moradores do bairro São José, suas falas expressam a dor de verem a violência demarcar as fronteiras espaciais e simbólicas, de verem e sentirem o tráfico de drogas e o crime organizado se delinear cotidianamente. No entanto, o bairro do Pedregal se apresenta aos moradores de forma distinta, apesar de todos os problemas com a violência, os moradores respiram mais tranquilidade, se sentem mais identificados com os códigos urbanos emanados pelo bairro. O cenário urbano, que se configura como palco para as tramas que se desenrolam no cotidiano compartilhado entre avós e netos é marcado pelas cartografias da miséria e da pobreza. Mas os espaços urbanos são resignificados por seus moradores. O cotidiano de avós e netos é recriado,

reinterpretado e reinventado por suas práticas simbólicas e experienciais. Há uma “co-educação” de gerações (OLIVEIRA, 1999) que se implementa no dia-a-dia.

É na vivência ambientada dentro das práticas cotidianas que as transformações múltiplas e recíprocas acontecem, “...o reencontro de avós e netos, através da vida partilhada trazem possibilidades de renovação de uns e outros...”(OLIVEIRA, 1999 p.27) e essa possibilidade de renovação de subjetividades gera sentimentos de não-solidão, de pertencimento. A velhice desses avós, na maioria das vezes é silenciada, quem ouve o que falam os velhos? A imposição política do silêncio ocorre em âmbito social e em âmbito familiar. Mas, apesar dessa cultura que silencia e nega o idoso(a), as tentativas de reencontro de sentidos para a própria existência são vivificadas através de táticas que são (re)criadas no cotidiano.

É através do cuidar dos netos que os avós sentem-se resignificados. É a companhia das crianças e adolescentes que possibilita o compartilhar de um aprendizado de vida, onde as dificuldades e angústias são amainadas perante a crueza do dia-a-dia. É, portanto dentro desse panorama de relações que a convivência e o cuidado aparecem como antídotos contra o sentimento de solidão, ao evitar que esta os devorem-solidão que na maioria das vezes é gerada pela falta do companheiro(a).

O cuidar se configura aqui enquanto uma prática feminina. Os avós encontrados na pesquisa não assumem esse papel de cuidadores de forma tão atávica como as mulheres. Eles aparecem dentro de uma atmosfera configurada pelo silêncio, suas vozes pouco foram ouvidas - ora porque estavam ausentes, ora porque eram tímidos, ora porque as mulheres não abriam espaço. O provimento do cuidado é uma construção histórica. Na sociedade moderna, com o aprofundamento da divisão de gênero do trabalho, o homem passa a ser associado com o espaço da rua, da política, da competição e assume a condição de provedor da unidade doméstica - autoridade moral da família-, enquanto a mulher torna-se vinculada à esfera doméstica, privada, e passa a ser, comumente, associada à tarefa do cuidar, “...o cuidado é majoritariamente um encargo da família de origem e é um trabalho feminino”(ROSA, 2003 p. 277).

Mesmo sendo o cuidado uma condição determinada cultural e ideologicamente, é internalizada de tal forma, pelas mulheres, que acaba por comprometer a individualidade feminina. Nesse cenário configurado pela pesquisa, o mito da

maternagem cede lugar para o da avoternagem (RAMOS,2007). O cenário é marcado pela presença da avó que se coloca não apenas como cuidadora, mas também como salvadora da situação. O cuidado na maioria das vezes é assumido pela avó “porque não tem outro jeito, se eu não cuidar deles quem vai cuidar?” Diz D. Alexandrita, avó cuidadora e provedora de dois netos que quase foram mortos pela mãe- deficiente mental-. A mãe das crianças- uma menina de 9 anos e um menino de 5 anos-, “é doida” segundo a fala da avó, “ela quase matou os meninos e meu filho, quando ela bebe ela se transforma e quer matar eles(...)ele é mais doido do que ela, pois mora lá e ela já correu várias vezes com uma faca atrás dele”.

Ao mesmo tempo em que os netos acarretam renúncia, provocam também modificações subjetivas nos sentimentos de velhice, diz uma avó “eu não me vejo sem eles”. Suas vidas são resignificadas, eles dizem não se sentirem sozinhos ao compartilhar a vida com os netos. Outra avó entrevistada durante a pesquisa foi a D. Cianita “eu queria me mudar pro sítio, lá as coisas são mais fáceis, mas eu não posso deixar eles aqui”, essa fala é carregada de significações, revela seus desejos e projetos. Ser velho na cidade grande traz outras implicações, os códigos urbanos silenciam os desejos e anseios de quem prefere uma vida pacata, marcada pelo contato com o outro, pela facilidade de mobilidade que é oferecida pelas cidades do interior. Apesar de o pedestre reinventar e transformar cada significante espacial, moldando seus percursos (CERTEAU, 1994) os sentimentos expressos por quem se sente à margem das transformações territoriais revela a não-aceitação das novidades em prol de um passado cheio de significações solidárias.

“Eu cuido de um comboi de neto” expressão usada por D. Rubelita quando chegamos a sua casa e perguntamos sobre a quantidade de netos que criava. D.Rubelita tem 57 anos e cuida de cinco netos, que variam entre as idades de 1 a 8 anos, todos filhos de uma filha sua que mora num quarto extensão de sua casa, seus netos são filhos de pais distintos e segundo D. Rubelita a mãe não tem responsabilidade com as crianças “ela só vive de arribada, não assume os meninos não” falou-nos ao relatar que a filha só vive fora de casa, pedindo esmola nas ruas, “ela gosta mesmo é de pedir esmola, ela conhece a cidade toda, pode perguntar pra ela, pois ela bate por tudo quanto é canto”.

As configurações cotidianas que marcam esses territórios, às vezes são bastante cruéis e ambivalentes, avós convivem com a tarefa de cuidar dos netos e

bisnetos, sem um projeto de vida próprio, muitas vezes deixam seus sonhos de vida em prol dos netos, mas ao mesmo tempo não se vêem fora desse lugar de cuidadores, é esse lugar que dá significância as suas práticas cotidianas.

As relações de poder presentes no cotidiano doméstico permitem uma desnaturalização dos conceitos de família, os poderes existentes nas redes familiares são circulares e mutáveis. A concepção de família centrada na autoridade paterna cede espaço para a eclosão de modelos familiares bem distintos, são modelos familiares mais fluídos, devido à mutação dos costumes, são famílias que ganham outras denominações, famílias multigeracionais, matrifocais, ampliadas. São novas ordens familiares (ROUDINESCO, 2003) que aparecem no cenário contemporâneo e identificam, por conseguinte, a complexidade das relações intergeracionais no cotidiano dessas famílias pesquisadas, onde as avós cuidadoras sintetizam o sentimento de família, “família como uma referência simbólica fundamental que permite pensar, organizar e dar sentido ao mundo social, dentro e fora do âmbito familiar”. (SARTI, 2003, p.9). São relações ambivalentes, cambiantes entre o amor e ódio, mas dotadas de sentido para quem as vivenciam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. As dobras do dizer: Da (im)possibilidade Da História Oral. IN: **História a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- _____. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. IN: **História e sensibilidade**. Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente(orgs.) Brasília: Paralelo 15, 2006.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BOBBIO, Noberto. **O Tempo da Memória: De senectute e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de psicologia social**. São Paulo: ateliê editorial, 2003.
- BURKE. Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,

2005.

CABRAL, Benedita Edina da S. Lima. Família e idosos no Nordeste brasileiro. **IN: Caderno CRH 29 Gênero e Família**. Salvador, centro de Recursos Humanos UFBA, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção de Cotidiano: 1-artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

ELIAS, Nibert. **A Solidão dos Moribundos- seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

GUILLEMARD, Anne-Marie. **La Vieillesse et l'état**. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Editora Burcarolla, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós- modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MINOIS, Georges. **História da Velhice no Ocidente**. Lisboa- Portugal Teorema Editora, 1999.

MOTTA, Alda Britto da. Reinventando fases: a Família do idoso. **IN: Caderno CRH 29 Gênero e Família**. Salvador, centro de Recursos Humanos UFBA, 1998.

NÉRI, Anita Liberalesso et al (org.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. São Paulo: Alínea, 2003.

NÉRI, Anita Liberalesso (org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas São Paulo: Editora papyrus, 1995.

OLIVEIRA, Paulo Salles de. **Vidas Compartilhadas**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PÔRTO Jr., Gilson (org.). **História do tempo presente**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

RAMOS, Keila Queiroz e Silva. Os corpos enrugados cuidam, os corpos viçosos gozam? In: Garcia, Loreley (org.). **Revista Ártemis**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2007.

REZENDE, Antônio Paulo. As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo. **IN: História e sensibilidade**. Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente(orgs.) Brasília: Paralelo 15, 2006.

ROSA, Lúcia Cristina dos Santos. **Transtorno Mental e o Cuidado na Família**. São Paulo: Cortez, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA¹, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 155-168, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000100009&script=sci_arttext> último acesso em 24 de Agosto de 2009.

